O MOVIMENTO DE OCUPAÇÃO DAS ESCOLAS NO INTERIOR DO PARANÁ: O QUE MOTIVOU OS ESTUDANTES A OCUPAR A ESCOLA

Ângela Maria Corso[1]

Resumo

Este artigo analisa o movimento de ocupação das escolas públicas – o *Ocupa Paraná* – no ano de 2016 protagonizado pelos estudantes do ensino médio. As ocupações das escolas, de forma geral, foram compreendidas como um grande movimento de resistência da juventude estudantil às reformas educacionais voltadas para o ensino médio anunciadas naquele ano pelo Governo Federal através de Medida Provisória 746/2016. A ação coletiva de ocupar a escola levantou as seguintes perguntas: o que motivou os estudantes a ocupar a escola? Como os jovens das cidades pequenas e/ ou no interior do Estado participaram desse movimento? Trata-se um recorte da pesquisa que está sendo desenvolvida no doutoramento na Unicamp, na linha Educação e Trabalho, a qual tem como sujeitos da pesquisa os jovens das escolas que foram ocupadas na cidade de Irati, pelo fato de termos acompanhado in loco o desenrolar de tal fenômeno social e pelo potencial de ação sociopolítica que aquele movimento representou.

Palavras-chave: Juventude; Movimento Social; Ocupações.

[1]Professora do Curso de Pedagogia, UNICENTRO/Irati, Pedagoga, Mestre em Educação pela UFPR. Doutoranda em Educação pela Unicamp.

Abstract

This scientific paper analyses the public schools occupation movement – Ocupa Paraná – that was led by high school students in 2016. The school occupations, overall, were understood as a great movement of resistance of students to the educational reforms aimed at high schools that were announced that year by the Federal Government through the provisional measure 746/2016. The collective action of occupying schools raised the following questions: what motivated the students to occupy the school? How did the young students from small cities and/or from the interior of the state engage in this movement? This study is part of a research that is being developed in a PhD program at Unicamp, in the Education and Work field, which has as research subjects the young students from the schools that were put under occupation in the city of Irati, due to the fact that we have followed the development of this social phenomenon in loco, and also because of the potential for socio-political action that the movement represented.

Keywords: youth, social movements, occupations.

Introdução

O movimento de ocupação das escolas no ano de 2016, de forma geral, pode ser caraterizado como resistência às políticas educacionais voltadas para o ensino médio, mas na voz dos sujeitos qual foi a motivação da ação coletiva? Como os jovens das cidades pequenas e/ ou do interior do estado participaram desse movimento?

O texto é resultado de um estudo que priorizou ouvir os jovens de cidades pequenas que pouco aparecem nas pesquisas sobre juventude, pois conforme já havia mencionado Spósito (2009) - ao analisar a produção brasileira sobre juventude nas dissertações e teses no campo da Educação e das Ciências Sociais - há uma predominância de investigações sobre os jovens de grandes metrópoles, mostrando-se relevante pesquisas sobre juventudes nas cidades menores.

A pesquisa foi realizada com os jovens estudantes de uma escola, na cidade de Irati, Paraná, cidade com 56 mil habitantes. Distante aproximadamente 150 quilômetros da capital é um município situado na região sudeste do estado do

Paraná, constituída por vinte e um municípios2, dos quais se destacam Irati e União da Vitória em função de suas dimensões populacionais e níveis de polarização (PARANÁ, 2004). Essa região integra o chamado "Paraná tradicional", cuja organização do espaço foi vinculada inicialmente a atividades econômicas tradicionais, como a extração da erva-mate e a agricultura alimentar. Atualmente a base econômica do município, em relação à geração de riquezas e empregos, está ligada, principalmente, ao setor de serviços. Em 2016 o setor de serviços representava 50,5% do PIB, o setor agropecuário 18,1%, seguido pela administração pública 16,6% e a indústria 14,9%. (IBGE, 2016)

A pesquisa de campo consistiu em capturar os depoimentos dos jovens por meio de entrevista. O critério estabelecido para a participação foi ter participado do movimento de ocupação. Foram então realizadas 23 entrevistas com jovens que ocuparam uma escola: 16 no espaço de uma instituição escolar com estudantes do terceiro ano do ensino médio e 07 com jovens que já haviam concluído o ensino médio. Quanto à segunda via, o contato com os jovens foi via *Messenger ou WatsApp* e as entrevistas aconteceram em locais sugeridos pelos próprios jovens (praças públicas, praças de alimentação, universidade, residência, academia de luta, clube do comércio). O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da Unicamp, conforme parecer consubstanciado n. 2.759.768.

O artigo está organizado de modo a situar o leitor sobre a ação coletiva de ocupação das escolas e o que motivou os estudantes a ocupar: 1. A ação coletiva de ocupar a escola; 2. O apoio e a criminalização do movimento; 3. O Cotidiano da ocupação; 5. As motivações para ocupar a escola.

A ação coletiva de ocupar a escola

De modo geral, nas últimas décadas, os jovens brasileiros, principalmente os estudantes das escolas públicas, foram, em grande medida, caracterizados pela acentuação de traços individualistas, pela apatia política, pelo desinteresse pela educação e pelas características de violência. Por isso, a visibilidade e disseminação das ocupações dos estudantes ocorridas no Brasil na última década, para Spósito e Tarábola (2017), teria produzido um efeito de surpresa diante da capacidade de resistência e organização apresentada por atores até então considerados ausentes da cena pública política.

[2]Prudentópolis, Ivaí, Ipiranga, Prudentópolis, Guamiranga, Imbituva, Teixeira Soares, Fernandes Pinheiro, São João do Triunfo, Rebouças, Rio Azul, Irati, São Mateus do Sul, Antonio Olinto, Mallet, Paulo Frontin, Cruz Machado, União da Vitória, Paulo Freitas, Bituruna, Porto Vitória, General Carneiro

A primeira escola ocupada, no Paraná, foi em São José dos Pinhais, no dia 03 de outubro de 2016 e, dia após dia, novas outras escolas foram sendo ocupadas em todo o estado, nas grandes, médias e pequenas cidades[3]. A ocupação das escolas do Paraná foi um movimento dos estudantes do ensino médio jamais visto neste estado. O estado de São Paulo já passara pela experiência, em 2015, de ocupação de escolas contra as reformas anunciadas pelo governo paulista[4]. Em Goiás, do mesmo modo, os estudantes ocuparam as escolas públicas contra um projeto de privatização da gestão escolar e, no Rio de Janeiro os estudantes se manifestaram em apoio à greve dos professores estaduais.

Irati, geralmente silenciosa nas noites de domingo, agitou-se nessa noite domingueira do dia 16 de outubro de 2016, com a notícia da primeira escola estadual ocupada pelos estudantes secundaristas. Nos dias seguintes, mais três escolas foram ocupadas no município. Naquela semana, o Núcleo Educacional de Irati registrou onze escolas ocupadas na região de abrangência do núcleo[5]. O *campus* da universidade pública estadual – Unicentro também foi ocupado na noite do dia 17. Naquele final de semana a página do Facebook "Ocupa Paraná" registrava 460 escolas estaduais ocupadas. O maior número de ocupações ocorreu na semana seguinte, dia 23 de outubro, onde a página registrou 850 escolas ocupadas no estado, num total de 1.108 em todo o Brasil.

Segundo informação do jornal Centro Sul (19.10.2016, p.911), os alunos chegaram no domingo e passaram a noite no colégio, sem ter acesso à luz e banheiros. Uma liminar foi expedida durante a madrugada pela Juíza de Direito, Drª Mitzy de Lima Santos, autorizando a ocupação pelos alunos e requisitando ainda que a direção da escola desse acesso à luz e aos banheiros. A liminar foi cumprida na manhã de segunda-feira.

[3]Reportagens divulgadas pela imprensa estadual, como o jornal Gazeta do Povo, afirmaram que o crescimento das manifestações no estado do Paraná foi a forma que os estudantes encontraram para pressionar o governo a retirar a proposta de reforma do ensino médio, feita pelo governo federal por meio de medida provisória. Mas que outros fatores, como a memória da violência de 29 de abril de 2015, conhecido como Batalha do Centro Cívico, a atuação do sindicato dos professores e a postura do governo estadual teriam contribuído para o estado ser o epicentro das ocupações das escolas. Essas seriam hipóteses para explicar a dimensão que tomou esse movimento no estado do Paraná.

[4]A reforma daquele estado tinha como propósito criar escolas de ciclo único com o argumento de melhorar a qualidade do ensino, porém significava uma proposta de fechamento de quase cem escolas públicas. Essa proposta de reforma foi colocada sem o diálogo junto aos estudantes, professores e familiares, o que provocou nos estudantes um justificado repúdio e estes buscaram diversificadas maneiras– manifestações e ocupações - de resistir a reforma. Os atos políticos dos estudantes do estado de São Paulo chamaram atenção pelo intenso protagonismo juvenil mediante diversos protestos e ocupações das escolas. (CAMPO; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016).

[5]Segundo Informação do Jornal Centro Sul, 19 de outubro de 2016.

Conforme relato dos jovens, um pequeno grupo ocupou a escola no domingo à noite, organizado por um grupo de aplicativo do WhatsApp, inicialmente reunidos em uma praça da cidade para combinar a estratégia de como ocupar a escola. Esse grupo permaneceu durante a madrugada na escola e recebeu os alunos que chegaram na segunda-feira para as aulas. Os secundaristas ocupadores da escola tiveram apoio de um pequeno grupo de professores, pais, estudantes e professores universitários para oferta de oficinas e na arrecadação de alimentação. No entanto, a ocupação foi realizada pelos estudantes e exigiu deles organização, tomadas de decisões, responsabilidades, divisão de tarefas e resistência. Foi, portanto, uma forma de emancipação da socialização vivida na família e na escola para a "construção de sociabilidades coletivas e mais autônomas" (PEREGRINO, 2011); ou na perspectiva de Thompson (1981): "uma experiência modificada que atua na mudança da consciência social dos estudantes que ocuparam a escola".

O processo de ocupação, segundo relato dos próprios estudantes, aconteceu após decisão coletiva realizada democraticamente por meio de votação com objetivo de deliberar pela ocupação. A votação aconteceu na sala de aula e foi realizada por um grupo de estudantes. Entre seus integrantes estava o membro do Grêmio Estudantil da escola e uma professora. O uso do termo assembleia não foi utilizado nos relatos dos estudantes, embora eles tenham deixado claro que houve um processo de votação para decidir se a escola seria ou não ocupada.

> Quando teve a ocupação, em 2016, eu tava no primeiro ano, eu fiquei sabendo que ia ter a ocupação pelo grupo do watts da sala que a escola ia ser ocupada, depois soube que já estava ocupada. Algumas pessoas da minha sala participaram com mais ênfase. Isso foi num domingo. Na segunda quando a gente chegou estava tudo trancado e o pessoal que ocupou e que ficava no portão falaram que a gente precisava do RG para entrar. Daí eu voltei para casa peguei o RG e voltei, daí eles deixaram a gente entrar. Não tinha muita gente, tinha umas 40 pessoas mais ou menos, tinha gente que já tinha passado a madrugada aqui, a gente chegou aqui de manhã. (Simone, entrevista, 14.08.2018)

> A ocupação começou agora eu não lembro o dia, mas era domingo à noite, a gente chegou na escola a noite, a gente se comunicava por um grupo pelo watts, daí a gente se reuniu na praça para combinar como a gente ia fazer. [...] No início foram poucas

> pessoas, a gente passou a noite sem luz, sem banheiro. Mas na segunda-feira muitos alunos apoiaram a causa. (Antonio, entrevista, 13.08.2018)

Nos relatos é possível perceber, assim como nas visitas que realizei durante a ocupação, que os "ocupa", como eram assim chamados os jovens que ocuparam a escola, eram um grupo de aproximadamente 30 jovens, mas havia uma variação desse número dependendo do horário e das atividades programadas.

Destacamos ainda uma diferença na qualificação do tipo de participação, avaliada pelos próprios jovens que participaram e foram entrevistados durante a pesquisa. Segundo o depoimento deles, houve um grupo que participou ativamente de todos os momentos da ocupação, desde a organização para ocupar a escola até a tentativa de reocupar a escola – por um grupo que, embora não tenha participado do momento em que a escola foi ocupada, entrou na ocupação e permaneceu; um terceiro grupo que participou de alguns momentos, mas não permaneceu – em especial porque os pais os proibiram de continuarem participando; e ainda um grupo que esteve na ocupação, mas teve envolvimento menor e não permaneceu até seu final. Todos eles, quando convidados para participar da pesquisa, da etapa da entrevista, colocaram-se como estudantes que haviam participado da ocupação da sua escola. (Diário de campo, agosto de 2018)

A criminalização do movimento de ocupação

A Secretaria de Educação do Estado do Paraná, através dos seus Núcleos Regionais de Ensino (NREs), instruíram as diretoras e diretores das escolas ocupadas a organizar assembleias com pais e estudantes para pressionar a desocupação das escolas. Segundo Firmino e Ribeiro (2018), essas reuniões variavam de acordo com o contexto de cada ocupação e da relação com os diretores e comunidades. Em Irati, essas reuniões também aconteceram nas paróquias das igrejas católicas. No caso da escola do centro, a reunião já havia sido convocada antes de a escola ser ocupada. Embora a direção da escola tenha anunciado que a reunião seria para explicar a situação, os alunos que estavam participando da ocupação entenderam que teria sido a oportunidade para os pais e alunos contrários à ocupação de pressioná-los e mesmo impedi-los de (re)ocupar a escola, tendo em vista que a convocação para a reunião ter sido realizada antes de a escola ser ocupada, pois, na postagem do Facebook os pais que comentaram a publicação as fizeram no sentido de criticar a ocupação: " Vamos à reunião e não vamos apoiar a ocupação"; "Não bastou ficar sem aula ano passado, agora de novo?".

Também neste dia, a chefe do Núcleo de Educação Marisa Lucas esteve na ocupação: "Nós estamos tristes porque nós estamos no final do ano letivo, há grande preocupação com os alunos que estão no término do ano letivo, e é uma grande tristeza para nós. Todos esses dias parados vão ser repostos. Então é essa angústia que está dando em todo mundo, na ansiedade dos pais, na maioria que quer aula, quer que o ano termine". (Entrevista Jornal Centro Sul, 17.10.16, disponível na página: http://hojecentrosul.com.br/?id=1298. Acesso em 20.10.16).

Convocamos para uma reunião de urgência em nossa escola na segunda-feira dia 17/10/16 às 19h, para esclarecimento e decisões de ações sobre a ocupação dos estudantes. Contamos com a presença de todos, pois sabemos do momento delicado no contexto referente às medidas PEC 241 e MP 746. (Direção. APMF e Conselho Escolar, dia 14.10.16, página facebook, acesso em 20 outubro de 2016)

> Diante desta situação, a direção do Colégio Estadual (...) convocou uma reunião com pais e alunos para explicar a situação e as reivindicações dos estudantes. O encontro seria realizado nas dependências do colégio, mas por conta da ocupação, a reunião foi transferida para o salão da Paróquia São Miguel. Na ocasião, os pais tiveram a oportunidade de ouvir as explicações da direção do colégio e da organização da ocupação, além de expor seus pontos de vista a respeito da situação". (Rádio Najuá Noticia, 18/10/16)

A pressão para os estudantes desocuparem a escola foi realizada de diferentes modos, pelos pais organizados ou não com o movimento *Desocupa Paraná*, liderado pelo MBL (Movimento Brasil Livre), que criou uma página no facebook para mobilizar a cidade contra a ocupação. A página #DesocupaIrati, foi criada dia 19.10.16, e possuía 150 seguidores. As postagens dessa página eram de notícias no sentido de desqualificar e criminalizar o movimento de ocupação das escolas, causar medo nos pais, especialmente após a notícia da morte de um estudante numa ocupação em Curitiba, bem como de convocar a todos para um ato que seria realizado no dia 24.10.16 em forma de carreata, que passaria na frente das três escolas ocupadas[6].

[6]Os poucos professores que apoiavam o movimento de ocupação trocavam mensagem pelo WhatsApp e foram para as escolas para dar apoio para os estudantes. Os estudantes realizaram uma assembleia e decidiram que ficariam na parte interna da escola no momento da mobilização para evitar conflito. Contudo, o ato não foi realizado, na página saiu uma nota avisando que a manifestação contra a ocupação que estava prevista para aquele dia, havia sido adiada para outro dia, devido ao mau tempo (chuva). Contudo, os comentários na ocupação foi que a página não conseguiu mobilizar muita gente (36 curtidas, mas nenhum compartilhamento) para o ato e decidiu cancelar.

Os estudantes tiveram que gerir momentos de conflitos com a polícia, pois embora não tenha tido nenhum caso de repressão violenta da polícia na ocupação, essa foi utilizada como estratégia repressiva do estado. Além disso, tiveram que administrar conflitos e assédio por parte de alguns professores, diretores, colegas e pais. Neste sentido, a ocupação para esses jovens configura-se como uma experiência modificada no âmbito familiar e escolar.

> Meu Deus! A gente foi tratado como bandido, né! Eles viam a gente, meu deus! Tanto que depois da ocupação os pais que eram contra ficaram na frente da escola de plantão. Tanto que quando eles viam a gente eles faziam corrente humana para não deixar a gente entrar, eles ficavam de olho na gente, comentando da gente! (Judith, entrevista, 07.07.18)

> Foi quando eu fui para Curitiba (Assembleia dos Estudantes) com a (nome da garota). Quando a gente tava voltando barraram o ônibus na entrada de Irati e já tinha duas viaturas esperando nós. A gente recebeu uma intimação! E aí eu não podia chegar duas quadras da escola num período do tempo. (...) A gente teve que ficar em longe, preocupados com outros colegas. (Chico, entrevista, 13.08.18)

> O pessoal do desocupa tava chamando para ir na escola, a gente ficou preocupado, daí a gente se reuniu e decidiu que a gente não ia responder as provocações, que a gente ia ficar dentro do colégio realizando atividade. No fim eles não foram, mas aquele dia foi tenso! (Trotsky, entrevista, 15.08.2018)

Mas se houve pressão para os estudantes desocuparem a escolas, também houve um pequeno grupo de professores e estudantes que se mobilizaram para apoiar a ocupação. No primeiro dia da ocupação uns dez professores se revezaram para dar apoio aos estudantes, mobilizando doações de alimentos, colchões, água, produtos de higiene e limpeza, pensando em nomes de quem poderia ofertar oficinas e atividades na ocupação, mas logo essas atividades foram totalmente assumidas pelos estudantes. Havia uma preocupação dos professores em apoiar, mas de não interferir ou assumir uma ação que era dos estudantes (Diário de campo, 17.10.16).

O cotidiano da ocupação

Foram constituídas no cotidiano da ocupação comissões para realização das tarefas para manutenção da ocupação – segurança, comunicação, limpeza, alimentação, relações externas, agenda de atividades. O relato dos estudantes revela que a distribuição das atividades foi realizada de modo democrático, respeitando no que cada um poderia contribuir, e sem reproduzir estereótipos de gênero, meninos e meninas realizavam todas as atividades.

Embora as relações de gênero tenham sido problematizadas nas ocupações estudantis e não houve uma divisão sexual do trabalho nas comissões e nas atividades - ambos cozinham, limpavam, participaram das atividades, confeccionavam cartazes, visitavam as outras escolas ocupadas, participavam das assembleias gerais, atendiam as pessoas e doações que chegavam na ocupação - observou-se que dormitórios foram organizados na divisão binária masculino e feminino, demonstrando uma posição já vivenciada e sedimentada socialmente em um contexto sexista no qual estão inseridos.

> Teve caso que a mãe veio brigar com a gente, daí a gente explicou toda a situação como a gente tava dormindo, piá num quarto, meninas no outro. (Lenin, entrevista, 20.08.18)

Na pesquisa realizada por Moresco (2018) e Moresco e Langnor (2017) na região metropolitana de Curitiba elas observaram que durante as ocupações e pelos depoimentos das alunas e alunos, os dormitórios das ocupações não eram separados por gênero, as/os estudantes dormiam em colchões colocados no chão, um ao lado do outro, no mesmo espaço estrutural. Essa foi uma das diferenças que parece responder uma característica mais conservadora da cidade que acompanhamos, pois, os dormitórios eram separados por gênero, e sempre solicitavam a presença de um adulto para pernoitar com eles.

> Tinha grupo que era responsável pela comida, outro pela limpeza. A gente sempre tentava dividir as tarefas. Tipo cada dia a gente combinava o que iria fazer. Tipo esse grupo vai limpar a cozinha, a gente usou uma sala para fazer a cozinha. Esse grupo vai cozinhar. Esse grupo vai organizar uma atividade cultural ou educativa. Foi bem interessante! Claro que tinha pessoas que tinham facilidade para falar. Mas todos tinham voz, não tinha um líder, alguém que mandava. Não tinha esse negócio das pias não quererem limpar, porque é coisa de menina. Todos tinham

> que trabalhar igual, claro que as meninas limpavam melhor, os meninos são desajeitados para algumas atividades (riso). (Judith, entrevista, 07.07.2018)

O cuidado com a escola - a limpeza, organização e zelo patrimônio de certo modo foi uma forma de responder a expectativa negativa dos adultos, principalmente dos professores, direção da escola e pais, mas também da imagem da mídia e do governo que os caracterizavam como baderneiros. Desde modo, como nas ocupações de São Paulo, a "seriedade e organização foram, desde o início, valores importantes para os estudantes, pois era preciso criar uma imagem positiva das ocupações ante a caracterização que a grande mídia e o governo faziam delas como "invasões" e "vandalismo". (CAMPOS, 2019, p.96).

A cartilha "como ocupar uma escola" escrita pelos estudantes chilenos e argentinos depois utilizada em outros movimentos de ocupação como o movimento de ocupação das escolas, de 2015, e pelos estudantes na ocupação das escolas em 2016 também trata das divisões das tarefas na ocupação e a preocupação com a imagem:

> Comissão limpeza: É encarregada de limpar o estabelecimento (varrer, lavar, etc.). [...] É importante não só limpar, mas também evitar que os companheiros sujem os espaços para reduzir o esforço coletivo de limpar grandes estabelecimentos, além de que um espaço muito sujo prejudica a imagem do movimento. Como é uma tarefa que a maioria não que fazer, o melhor é incentivar a rotatividade de integrantes nesta comissão." (Cartilha: Como ocupar um colégio. Disponível para consulta e impressão em: https://gremiolivre.files.wordpress.com/2015/10/como-ocupar-um-colc3a9gio.pdf. Acesso em: 15 fevereiro de 2020).

Também havia um desejo que mais estudantes integrassem o movimento de ocupação, mas também uma desconfiança que esses pudessem ter atitudes que desqualificasse a ocupação. No dia 20.10.17, por exemplo, pela manhã chegaram alguns alunos que não estavam participando da ocupação, mas queriam entrar na escola. Uma menina da ocupação explicou para eles os motivos da ocupação e as regras para participar (apresentar documento, ajudar nas comissões e participar das oficinas), alguns alunos entraram, outros não. Também houve uma situação em que um grupo de alunos da escola quis entrar para usar a quadra para jogar, após os estudantes ocupados discutirem o caso chegaram ao consenso

que não era democrático não permitir, mas fizeram eles assinar um documento que se responsabilizando por qualquer dano que viessem cometer ao patrimônio público escolar. (Diário de campo, 20 e 21 de outubro, 2016).

O apoio às ocupações era percebido nas doações de alimentos, no apoio jurídico, na oferta de palestras, debates, oficinas por alguns profissionais da cidade, professores da escola[7] e de outras instituições como a universidade e o instituto federal. Uma frase registrada no diário de campo revela o quanto as atividades eram significativas para os estudantes e não era visto como inferior aos aprendizados dos dias normais de aula: "Os alunos que não estão vindo não imaginam o que estão deixando de aprender". (Estudante da ocupação, dia 20.10.17, após a oficina sobre Gênero e Feminismo). Além disso, os próprios alunos que tinham mais domínio de algum conteúdo, ensinavam seus colegas. Em uma das visitas a ocupação observei um dos meninos ensinando conteúdo de física para os colegas, no espaço de uma sala de aula, utilizando como apoio o caderno e o quadro de giz. (Diário de campo, 21.10.16)

> [...] A gente usou as outras salas para fazer de oficina, a gente usava também o saguão do colégio para fazer tipo teatro, para fazer as conversas, a quadra para jogar, então a gente sempre tava ocupado fazendo uma coisa, então nunca foi a baderna que eles diziam que era, pelo contrário, lá dentro tava muito organizado, a gente limpava o chão que a gente sujava, a gente limpava o banheiro que a gente sujava, a gente limpava o saguão, e a gente também organizou a parte de pintura do muro, então a gente se ajudou em tudo, cada um fazia uma parte. (...) A gente recebia palestrante, algumas pessoas se prontificaram ir lá dar aula para nós, a gente (os alunos) fazia oficinas (...). Fizemos muita coisa, lá! (Marx, entrevista, 16.08.2018)

Foi uma prática comum das ocupações a utilização das redes sociais como o facebook para divulgar a ocupação e compartilhar algumas experiências da

[7]Mas também houve ocupações que os estudantes barravam a entrada de professores, como a ocupação na Fazenda Rio Grande, Região Metropolitana de Curitiba, conforme relato M. Prohmann. Jovens Baderneiros ou Corajosos sonhadores? In: Ocupar e Resistir: Memórias da Ocupação Paraná 2016. Organizado por Giorgia Prates, Lennita Oliveira Ruggi, Monica Ribeiro da Silva e Valéria Floriano Machado. Curitiba, UFPR, 2017.

ocupação. No nosso caso, o grupo foi criado dia 11 de outubro de 2016, antes da ocupação, configurado como grupo privado, alterado para grupo público dia 20 de outubro, no terceiro dia da ocupação de alimentação com intenção de divulgar a motivação da ocupação e as atividades da ocupação – cozinhando, limpando, realizando atividades. O grupo teve 101 seguidores, de 10 a 20 visualização cada postagem, uma média de 20 a 30 curtidas nas sete postagens que foram realizadas entre o dia 20 a 22.

> Uma vez consolidada a permanência dentro da escola, os estudantes passaram a compartilhar suas experiências cotidianas no Facebook, criando páginas "para divulgar a ocupação". Cada ocupação representa um microuniverso particular, com circunstâncias e personalidades singulares, que conferem a ela sua dinâmica própria e identidade, mas foi possível perceber algumas coisas em comum e que dão a dimensão do que foi para estes secundaristas a experiência de ocupar suas escolas, fosse por uma semana ou por um mês. (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016)

Catini, Moura, Mello (2016) sobre as ocupações das escolas em São Paulo, em 2015, analisam que a forma de luta dos estudantes e o exercício de autogestão das ocupações compreendia a tomada decisão coletiva, colocando, uma distância entre um processo educativo escolar, no qual tudo é decidido de fora para dentro e o do movimento secundarista, em é um aprendizado de tomar para si coletivamente, parte da responsabilidade pelo destino da ocupação e da própria formação.

Para Corti, Corrachano, Silva (2016, p. 1171) as ocupações trouxeram materialidade às críticas a respeito dos jovens com a escola. "As imagens oferecidas pelos jovens nas ocupações – atuando, discursando, cozinhando e limpando – contrastam com as imagens tradicionais de estudantes calados e enfileirados na sala de aula."

Os relatos dos estudantes que ocuparam a escola sobre como realizaram a ocupação e administraram o espaço escolar formando comissões de trabalho, promovendo atividades formativas e respondendo estrategicamente as pressões nos mostra que a ação coletiva de ocupar a escola transformou pelo menos naquele momento aquela instituição social, a escola.

Na última semana de outubro o movimento começou a declinar em todo o estado[8]. No dia 26 de outubro, quarta-feira, os estudantes receberam uma liminar de reintegração de posse, expedida pelo juiz substituto da Comarca de Irati, José Guilherme Xavier Milanezi. Os estudantes cumpriram a determinação judicial, desocuparam a escola no dia 27, após vistoria realizada pela direção da escola, junto com a patrulha escolar e membros da APMFs.

No dia em que a escola foi desocupada os dezessete alunos que lá permaneceram reorganizaram o espaço que haviam utilizado durante a ocupação, limparam a escola e, num clima de despedida e solidariedade, ergueram cartazes e se abraçaram ao som da música "O trono de Estudar, de Dani Black". Foi possível observar a alegria e a força de uma ação coletiva, mas também a tristeza do fim de uma ação sem avanços na retirada da proposta do governo. (Diário de campo, 27.10.16).

> Ninguém tira o trono do estudar
> Ninguém é o dono do que a vida dá
> Ninguém tira o trono do estudar
> Ninguém é o dono do que a vida dá
> E nem me colocando numa jaula
> Porque sala de aula essa jaula vai virar
> (O trono de Estudar, de Dani Black, 2016, disponível em: https://www.vagalume.com.br/dani-black/o-trono-do-estudar.html)

Por volta das 15h35 os estudantes se posicionaram do lado de fora do portão e aguardaram com apoio de alguns estudantes do movimento estudantil da universidade estadual a chegada da direção e APMF para entrega da escola. Era visível o cansaço dos estudantes e o clima de solidariedade entre eles. Houve depoimento dos estudantes, gritos de luta, canções, choro e abraços. (Diário de Campo, 27.10.16). Aqui percebe-se que a experiência de ocupar a escola para esses jovens, foi uma experiência de socialização política excepcional, pois segundo Thompson (2001, p.261) somente em circunstância excepcionais as pessoas vão além de sua experiência local, para uma experiência modificada.

> Eu fiquei muito decepcionada mesmo! A gente tinha que desocupar, mas não podia sair de lá sem ser eles vistoriar. A gente ficou na frente do colégio, fez nosso grito, foi bonito! A gente fica

[8]https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/estudantes-acatam-reintegracoes-e-comecam-a-deixar-escolas-ocupadas-no-interior-ak4xq9jdi4qbq5bc2tgemmhsi/, em 28.10.2016.

> orgulhoso que a gente lutou, a gente fez alguma coisa, não ficou parado sem fazer nada. (Olga, entrevista, 10.08.2018)

Foi a experiência de socialização política que manteve os estudantes unidos no objetivo de reocupar a escola. No dia 27.10.16 com o amparo legal, denominado de agravo de instrumento, que suspendia a liminar de desocupação do dia 24.10.16, os estudantes tentaram reocupar a escola, contudo, o movimento contra a ocupação conseguiu se organizar e impedir que os estudantes ocupassem a escola[9].

As motivações para ocupar a escola

Nos relatos das entrevistas há evidências de duas principais motivações da ação coletiva de ocupar a escola: A Reforma do Ensino Médio (foi o fator mais mencionado); e o movimento de Ocupação no Paraná. No entanto, percebemos que concorreram com essas também outras motivações, como a PEC (Projeto de Emenda Constitucional) do Teto Máximo para saúde e educação, bem como o apoio de professores e dos pais, a experiência da greve e da forte resistência dos professores da Rede Pública e Universitários contra a violenta repressão do Governo Estadual à greve deflagrada em contrariedade às reformas educacionais propostas pelo Executivo em detrimento da carreira docente em 2015.

O fato de o movimento de ocupação no Paraná, especialmente nos grandes centros, bem como no estado de São Paulo, estarem já se fortalecendo há alguns dias, foi outro motivo que impulsionou, segundo os relatos, os estudantes iratienses a participarem da ocupação. Outro fator importante está no fato de que eles sinalizam que a *internet* foi a ferramenta pela qual tiveram acesso à informação, mas também citaram as discussões sobre o tema nas aulas de sociologia, história e filosofia, ficando claro, assim, que os jovens reconhecem que não foi um movimento isolado e que a ideia de ocupar a escola partiu tanto de coletividades virtualmente conectadas e também do conhecimento científico e esclarecedor prendido em sala de aula sobre as lutas sociais e coletivas de resistência aos desmandos objetivando a precarização da educação. Neste sentido, traz um elemento educacional importantíssimo de valorização da escola e do magistério e também referente ao propósito das ciências humanas na formação do indivíduo que têm sido negadas ou precarizadas historicamente na educação dos trabalha-

[9]https://radionajua.com.br/noticia/noticias/irati-e-regiao/pais-vao-para-frente-do-xavier/35849/

dores, e dos filhos dos trabalhadores. Como eles disseram, a ocupação foi a luta para manter as disciplinas que desenvolvem o pensamento crítico.

> Noite de segunda feira, dia 03 de outubro de 2016, Rua Scharfenberg de Quadros, área central de São José dos Pinhais: estudantes iniciaram aquilo que se transformaria em uma das maiores manifestações estudantes do Brasil. A cidade – que se pretendia tranquila – foi arrebatada pela notícia, naquele momento ainda sussurrante, de que mais de 200 estudantes haviam ocupado o Colégio Estadual Arnaldo Jansen, em protesto contra a Medida Provisória 746 – que propunha a reforma do Ensino Médio. Em poucos dias foram ocupadas 850 escolas, 14 Universidades e 3 núcleos de Educação no Estado do Paraná, fazendo com que a paisagem das cidades carregasse placas, cartazes e faixas com a palavra OCUPADO – em frente a centenas de escolas públicas. (PRATES, 2017, p. 9)

Não foi a primeira vez que a ocupação de escolas por estudantes aconteceu no Brasil. Em 2015, os estudantes da rede estadual paulista depois de um mês de mobilização (de rua, abaixo-assinados e tentativas de diálogo) e sem resultados, optaram em ocupar as escolas, ação que logo se espalhou por todo o estado, contabilizando mais de 200 escolas estaduais ocupadas. (CORTI, CORRACHANO, SILVA, 2016, p. 1159)[10]

> Acho que foi pessoal, mas também da escola, sabe! (...) acho que as discussões sobre direitos humanos, sobre a história, sociologia, acho que desperta o senso crítico. Quando a gente viu o movimento que estava acontecendo em tantas escolas, que os alunos tinham o direito de lutar, ah o desejo de ocupar a escola tomou conta, a gente queria fazer alguma coisa para ajudar impedir aquela reforma. (Chico, entrevista, 13.08.18)

> Então foi um movimento louco, vi no facebook que iam ocupar as escolas, que as escolas estavam sendo ocupadas e daí fui ver

[10]Em um contexto mais amplo, latino-americano, as ocupações também aconteceram: em 2006, no Chile a Revolta dos Pinguins (em referência ao uniforme escolar do início do século passado) e na década de 2010, no Chile e na Argentina.

> o que era isso daí, daí vi que era contra a PEC e contra a Reforma do Ensino Médio, não era de partido, eu fui neutro, e tal, eu vim porque eu também [a ideia da ocupação] bateu com minhas ideias, eu também não queria aquela reforma. (Lenin, entrevista, 20.08.18)

No caso do Paraná destaca-se que havia um clima de animosidade com o governo estadual desde pelo menos o início de 2015, quando o mesmo enviou à Assembleia Legislativa proposta de 1) Reforma Previdenciária dos servidores públicos estaduais, mudando a legislação e, assim, confiscando os valores contidos no Fundo Previdenciário da Paraná Previdência e, 2) enviou também proposta que atinge diretamente o regime salarial dos servidores do Executivo Estadual – policiais civis e militares, professores, servidores da saúde, etc. – resultando em enorme insatisfação em todas as categorias de servidores do executivo. Na ocasião, em fevereiro daquele ano, os professores da rede pública e universitários foram para o confronto contra os Governo, ocupando a Assembleia Legislativa para impedir a votação de tal pacote de medidas de austeridade contra a carreira pública – então apelidado de *Tratoraço*.

Após esse episódio da ocupação da ALEP, com os professores impedindo a votação do pacote e das cenas cômicas dos deputados sendo transportados em um camburão da polícia militar, houve imediata declaração de greve geral. O sindicato dos professores da Rede Pública, juntamente com os sindicatos que representam os professores e servidores das universidades do estado, bem como algumas categorias da área de saúde (os policiais ficaram de fora são, por lei, proibidos e fazer greve) organizou várias manifestações públicas, com adesão de milhares de professores, alunos e servidores em geral, contra o pacote de austeridade do governo estadual. Em 29 de abril de 2015 houve um confronto de proporções nunca vistas entre os professores e enorme contingente policial em frente à Assembleia Legislativa (e do Palácio do Governo estadual), contra a aprovação da lei que autorizava o governo estadual a apropriar-se dos valores depositados na conta da Paraná Previdência. Mesmo em meio a grande quantidade de bombas de gás lacrimogênio e tiros de borracha, com mais de duzentos professores e estudantes feridos, a Assembleia aprovou que esvazia os cofres da previdência dos servidores, deixando um vazio quanto à solvência das futuras aposentadorias.

No ano seguinte houve a edição da MP do ensino Médio pelo Governo Federal. Assim, em meio ao clima político conturbado daquele período (*impeachment* da Presidente Dilma Roussef e posse na Presidência da República do

então Vice-Presidente Michel Temer); os constantes ataques do governo estadual paranaense aos direitos dos professores e a precarização do ensino público devido especialmente ao escassamento de recursos. Foi assim que, revoltados contra a conjuntura, elegeram a MP746 como foco de sua insatisfação, decidindo assim agir contra o que consideraram atos de grande arbitrariedade do Governo Federal (e estadual) contra seus direitos de ter uma educação de pública de alta qualidade. Daí o porquê do levante estudantil de setembro e outubro de 2016 no movimento que ficou conhecido como *Ocupa Paraná* e que ocupou em torno de mil escolas no estado do Paraná e espalhou-se por vários outros estados.

Na pesquisa realizada por Firmino e Ribeiro (2019), os autores mostram que a experiência da greve dos professores no estado em 2015 e a forte repressão policial no centro da capital, Curitiba, em 29 de abril, foram mencionados por alguns jovens como uma experiência mobilizadora. Esses, no entanto, possuíam algum tipo de relação familiar com os professores grevistas.

> Eu sempre ia em manifestação (....) eu fui com minha mãe na greve dos professores. Porque eu acho que esse é o único meio de ser ouvido. [...] Quando a gente estava na ocupação falaram porque vocês não fazem um abaixo assinado, a gente fez abaixo assinado! Mas o que adianta, chega lá eles guardam na gaveta e não adianta nada. Né! [...] então, vendo tudo isso, até porque a gente já tinha ficado com uma revolta muita grande da forma que os professores aqui, da forma arbitrária que o governo do estado do Paraná já lidava com a situação da educação. (Maria, entrevista, 14.09.2018)

> *É que eu tenho uma tia que é professora, sabe! E ela sempre fala das manifestações, e teve o 29 de abril, nossa, ela estava lá, eu fiquei* muito de cara, com muita raiva. Então quando teve a ocupação eu não ia entrar no colégio, mas daí resolvi entrar. Daí estudei o tema, a reforma. Daí a vontade foi aumentando. E eu sempre ouvia minha tia falando o quanto a escola está sendo destruída. É, eu acho, que foi isso! (Ernesto, entrevista, 30.07.2018)

Considerações finais

> Então a ocupação não foi só ocupar um colégio, claro que eu ocupar um colégio é um ato muito grande, eu considero bem significativo, porque você ta falando, porque você ta ocupando, esse lugar é seu, quando você precisar você pode. Foi um marco para história, quando que Irati participou de um movimento, é de um ato de movimento estudantil, digamos assim. Para mim e para a maioria foi a primeira vez, abriu a mente. (Dandara, entrevista, 05.10.2020)

O levante da juventude, de 2016, embora não tenha alcançado seus objetivos que era frear a reforma do ensino médio trouxe a resistência espontânea da juventude, jamais vista neste estado, consigo a esperança de novos modos de organização política da juventude, bem a visibilidade da capacidade de resistência e organização das juventudes das grandes, médias e pequenas cidades.

O que motivou os estudantes das escolas públicas de Irati, no ano de 2016, a ocupar a escola foi a Reforma do Ensino Médio e o movimento de Ocupação das escolas no Paraná, mas além disso, os estudantes também mencionaram a experiência da greve dos professores de 2015 e ainda, as ameaças as disciplinas das ciências humanas e o desejo de expressar uma ação política, de ter visibilidade e de ser ouvido.

Os jovens deixaram momentaneamente suas casas e a condição de alunos de escola pública de uma cidade pequena do interior do estado Paraná para se juntar ao movimento que ficou conhecido como *Ocupa Paraná*, rompendo a quietude que geralmente caracteriza-nos a todos diante dessa sociedade e se lançado numa aventura de luta, de luta contra o Estado opressor, destruidor dos direitos dos cidadãos, destruidor sobretudo dos sonhos da juventude e de seus direitos e das liberdades.

Neste sentido, as ocupações de 2016 representam um marco social e individual de rompimento com o *establishment*, com o descaso e desmonte que os governos do Paraná e da União Federal pretendiam realizar na Educação. A luta dos estudantes foi a esperança por um futuro digno e a luta pelo direito à escola pública.

Recebido em 25/02/2020
Aprovado em 25/03/2020

Referências bibliográficas

.BRASIL, Medida Provisória MPV 746/2016. Brasília, 22 set. 2016a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/Mpv/mpv746.htm. Acessado em 10.06.2017.

CAMPOS, Antonia M.; MEDEIROS, Jonas.; RIBEIRO, Márcio M. Escolas de luta. São Paulo: Veneta, 2016.

CAMPOS, Antonia M. Escola de luta, ladrões de merenda: dois momentos das ocupações de escola em São Paulo. In: In: Medeiros, Jonas, et al. (orgs). Ocupar e resistir: movimentos de ocupação de escolas pelo Brasil (2015-2016). São Paulo: Editora 34; FAPESP, 2019.

CARRANO, Paulo. Nenhum governo se elegeu com essa proposta de mitigação do público. Por isso o golpe. Entrevista com Paulo Carrano. 2016. Publicado em Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Disponível em: http://www.epsjv.fiocruz.br/printpdf/6335

CATINI, Carolina. de Roing.; MELLO, Gustavo. Moura. de C. Escolas de luta, educação política. In: Educação & Sociedade: Revista de Ciências da Educação. Vol 37. Out-dez. Campinas, 2016

CORTI, Ana Paula de Oliveira; CORROCHANO, Maria Clara; SILVA, José Alves da. "Ocupar e resistir": a insurreição dos estudantes paulistas. Educação &Sociedade: Revista de Ciências da Educação. Vol 37. N.137. São Paulo: Cortez; Campinas, Cedes.

FERMINIO, Veridiana V; RIBEIRO, Márcio Moretto. Ocupações no Paraná: a luta dos estudantes contra a reform ado ensino médio e a PEC do teto dos gastos públicos. In: Medeiros, Jonas, et al. (orgs). Ocupar e resistir: movimentos de ocupação de escolas pelo Brasil (2015-2016). São Paulo: Editora 34; FAPESP, 2019.

MORESCO, Marcielly C.; LANGNOR, Carolina. "Corpos em (in)conformidades: as ações políticas feministas nas mobilizações estudantis."11º Seminário Internacional fazendo Gênero e 13º Women1s Worlds, Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499457176_ARQUIVO_artigo_completo_MM_FG.pdf

MORESCO, Marcielly C. Corpos que não importam no fronte das ocupações: protagonismo feminino e LGBTQI+. In: Ocupar e Resistir. Movimentos de ocupação de escolas pelo Brasil

(2015-2016). Medeiros, Jonas; Januário, Adriano e Melo, Rúrion (orgs). São Paulo: Editora 34, 2019.

PARANÁ. Leituras regionais: Mesorregião geográfica. Sudeste Paranaense/Instituto Paranaense de desenvolvimento econômico e social. Curitiba: IPARDES, 2004.

PELEGRINO, Mônica. Juventude, trabalho e escola: elementos para análise de uma posição social fecunda. Cad. CEDES [online]. 2011, vol.31, n.84, pp. 275-291. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622011000200007&script=sci_abstract&tlng=pt

PRATES, Giogia. Ocupar e resistir: memórias de ocupação Paraná 2016. Organizadoras: Giorgia Prates, Lennita Oliveira Ruggi, Mônica Ribeiro da Silva e Valéria Floriano Machado. – Curitiba: UFPR, Setor de Educação, 2017.

SPÓSITO, Marília P; TARABOLA, Felipe de Souza. Entre luzes e sombras: o passado imediato e o futuro possível da pesquisa em juventude no Brasil. Rev. Bras. Educ. [online]. 2017, vol.22, n.71. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141324782017000400201&script=sci_abstract&tlng=pt

SPÓSITO, Marília P. Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006), volume 1 e 2 / Marilia Pontes Sposito, coordenação. – Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

THOMPSON, E. P. A Miséria da Teoria. Rio: Zahar, 1981.